

A CIÊNCIA ALIMENTANDO O PENSAMENTO CRÍTICO-SOCIAL BRASILEIRO: A CONTEMPORANEIDADE DO PENSAMENTO DE JOSUÉ DE CASTRO PARA OS ESTUDOS SOBRE A FOME

Elvis Christian Madureira Ramos¹
Maria da Graça Mello Magnoni²
Wellington dos Santos Figueiredo³

“Conhecimento que não decifra a vida e não ilumina o mundo não é conhecimento. É enganação.” Rubem Alves (1933-2014), escritor.

Introdução

A Semana Nacional de Ciência e Tecnologia de 2016 traz a flama “Ciência Alimentando o Brasil”. O tema carrega consigo aspectos dignos de reflexão. Alimentar-se é uma necessidade vital para os seres humanos. Do outro lado, a sua antítese, a fome projeta a sua sombra às diversas sociedades desde tempo imemoriais.

1 Geógrafo. Mestre em Educação para Ciência (UNESP-Bauru). Doutorando pela UNESP/Presidente Prudente. Bolsista da FAPESP. Membro da Diretoria Executiva da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Local Bauru–SP. Professor Rede Oficial de Ensino do Estado de São Paulo. E-mail: solelvis@gmail.com

2 Professora Assistente Doutora do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências (FC) da/UNESP/Campus Bauru e Professora do Programa de Pós-Graduação Mídia e Tecnologia da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC). Membro da Diretoria Executiva da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Local Bauru–SP E-mail: sofia@fc.unesp.br

3 Geógrafo e Pedagogo. Mestre em Comunicação Midiática (UNESP-Bauru). Doutorando em Mídia e Tecnologia (UNESP-Bauru). Membro da Diretoria Executiva da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Local Bauru – SP. Membro do Comitê Editorial da Revista Ciência Geográfica. Professor da Escola Técnica Estadual “Astor de Mattos Carvalho”, Cabrália Paulista - SP (Centro Paula Souza). Pesquisador do Centro Integrado de Alerta de Desastres Naturais (CIADEN)/INPE/Agência de Inovação INOVA Paula Souza do Centro Paula Souza. Coautor dos livros: “Milton Santos: Cidadania e Globalização” (Saraiva, São Paulo, 2000); “Escola Pública e Sociedade” (Saraiva/Atual, São Paulo, 2002); “Mudanças Climáticas, Desastres Naturais e Prevenção de Riscos” (Jornal da Cidade, Bauru, 2011) e “Luz, Ciência e Vida” (Jornal da Cidade, Bauru, 2015). E-mail: wellington.figueiredo@uol.com.br

A ciência, por sua vez, materializa o conhecimento, ofertando possibilidades de conquistas técnicas e transformações advindas dessa relação com a sociedade.

Ciência, tecnologia e produção de alimentos não se concretizam no vácuo. Faz-se necessário a existência de um espaço geográfico para que elas existam, sejam produzidas e disseminadas. Assim, o conhecimento e apropriação do espaço geográfico às condicionantes sociais que o integram é condição vital para o planejamento e aplicação de ações que impulsionam o conhecimento científico para o desenvolvimento dos países.

Os estudos sobre a compreensão da fome têm em Josué de Castro um divisor de águas. O médico pernambucano dedicou a sua vida ao assunto, imprimindo, especialmente a partir da obra “Geografia da Fome”, uma inovadora metodologia de análise sobre o fenômeno famélico.

A fome nossa de cada dia

A fome é uma chaga que corrói a humanidade. Ela nos acompanha desde os tempos mais remotos. A luta pela sobrevivência é na realidade expressão que guarda muitos tipos de desafios – como pelo abrigo e pelo espaço –, sendo a busca pelo alimento a mais essencial para que a condição humana tenha existência digna, e seja progressivamente melhor e mais duradoura.

A novidade em “Geografia da Fome” está em se alcançar com a sua leitura a dimensão complexa do fenômeno da fome (complexo até em sua natureza, pois na obra há vários tipos de fome), pois passamos a vê-la entrelaçada as diferentes situações culturais, antropológicas, econômicas, fisiográficas, entre outras dimensões necessárias a sua compreensão que, num sentido mais restrito, faz da fome, um fenômeno desbanalizado e simplificado. E devemos deixar bem salientado que Castro (1991) tem consciência que o método viável para enfrentar a complexidade da fome é percepção-la no espaço, pois é no espaço que a fome deixa de ser algo unidisciplinar como nutricional ou sociológico, mas temporal e espacialmente múltiplo. Daí que a Geografia é assumida como ciência que pode tornar inteligível o complexo. Esse é, segundo nossa perspectiva, um elemento epistemológico sempre presente na “Geografia da Fome” e talvez desligado da Geografia atual embora parta de sua raiz, pois a heterogeneidade como lembra Hartshorn (1978) é parte do enfrentamento da Geografia na análise do espaço, na busca de uma compreensão relacional e coerente dos fenômenos espaciais.

O que se segue são os usos conceituais e ferramentas metodológicas que Castro (1991) faz uso na análise espacial e para compreensão do fenômeno da fome. Acreditamos que ao fazer isso, Josué também está ensinando e, ao mesmo tempo, resgatando a maneira clássica e talvez ainda inovadora de enxergar o espaço em sua totalidade.

Tese de Josué de Castro

O que tentaremos mostrar é que, mesmo quando se trata de pressão modeladora de forças econômicas e culturais, elas se fazem sentir sobre o homem e sobre o grupo humano, em última análise... (CASTRO, 1991, p.36)

Essa é a tese a que Castro se propõe: dizer algo sobre o homem e aquilo que lhe flagela, mas como veremos, ele o faz no pano de fundo do espaço, pois é no espaço que os problemas complexos tornam-se concretos para o homem e para as comunidades.

A valorização do método geográfico

Castro (1991) situa a importância do método geográfico devido à possibilidade do entendimento da “realidade total”, o que significa avaliar a questão da fome sem deixar de percebê-la como um conjunto de variadas manifestações (econômica, biológica e social). Daí também que não se pode prescindir dos princípios geográficos quando diz que é dentro desses princípios como “da localização, da extensão, da causalidade, da correlação e da unidade terrestre que [se pretende] encarar o fenômeno da fome” (CASTRO, 1991, p.31). Os recursos da cartografia, do poema, da história, das descrições refinadas somam-se a sua busca quanto à reflexão do todo. E afirma que método geográfico está propondo para sua “Geografia da Fome”: “não é o método descritivo da antiga geografia, mas o método interpretativo da moderna ciência geográfica, que se corporificou dentro dos pensamentos fecundos de Ritter, Humboldt, Jean Brunhes, Vidal de La Blache, Griffith Taylor...” (Idem)

Foi diante desta situação que resolvemos encarar o problema sob uma nova perspectiva, e um plano mais distante, donde se possa obter uma visão panorâmica de conjunto, visão em que alguns pequenos detalhes certamente se apagarão, mas na qual se destacarão de maneira compreensiva as ligações, as influências e as conexões dos múltiplos fatores que interferem nas manifestações do fenômeno. Para tal pretendemos lançar mão do método geográfico, no estudo do fenômeno da fome. Único método que, a nosso ver, permite estudar o problema em sua realidade total, sem arrebentar-lhe as raízes que ligam subterraneamente a inúmeras outras manifestações econômicas e sociais dos povos. (Ibidem)

Josué de Castro se faz assim, tributário da Geografia que atualmente diríamos clássica, consolidada na interpretação, análise espacial e da unidade regional, mais precisamente do pensamento lablachiano cuja paisagem é vista como uma herança e/ou superposição de aspectos históricos, naturais e técnicos; o que resulta no encontro de unidades regionais, e na qual se plasma de modo sempre singular os elementos físicos e humanos, além, é claro, de adotar os princípios metodológicos da localização e distribuição dos fenômenos para início de sua análise geográfica.

Mas, em “Geografia da Fome”, igualmente se encontra traços de outras geografias que estão presentes em sua obra. Assim, em muitos trechos poderiam se mostrar familiares à geografia cultural e da percepção. Pois a “geografia do todo” de Josué de Castro também valorizava as subjetividades e os constituintes culturais fruto do encontro homem e meio e a consequente produção do espaço.

O fenômeno espacializado

Reside na obra uma trajetória diferente da habitual, pois a identidade da região não é sua busca inicial embora apareça naturalmente conforme as descrições e análises que sucedem e articulam a fome - ou poderia ser entre muitos outros fenômenos – é redescoberta no espaço, pano de fundo onde acontecem os fatos, dados, descrições, história, meio e outros elementos do lugar que são articulados para tornar a fome um produto de relações heterogêneas (nutricional, cultural, econômica etc.) que se cruzam e favorecem sua identificação regional e daí adquirindo identidade e sentido. Por isso, em “Geografia da Fome”, o problema da carência alimentar em um quadro, por exemplo, do nordeste canavieiro, acompanha e se sustenta por aquilo que é peculiar em sua região e difere da contígua fome que castiga o semiárido. Difere não no sentido da fome em si, mas das causas e relações também o terem. Josué de Castro mostra como os eventos ou fenômenos aparentemente não geográficos tornam-se uma Geografia, não somente por exclusivamente acontecer no espaço, mas por serem múltiplos em suas relações com outros fenômenos espaciais e singulares quando acompanhada do contexto de suas territorialidades.

Josué de Castro destaca a extensão da ocorrência e seu grau de amplitude, a dimensão planetária da fome se reconhece devido sua ocorrência em várias partes do mundo, mesmo em nações avançadas tecnicamente e com superiores médias socioeconômicas, a fome se encontra em alguma intensidade.

Revalorização da visão panorâmica

Logo nas primeiras páginas de “Geografia da Fome”, mostra-se o desconforto

de Josué de Castro na maneira como a fome estava em discussão em sua época, ou seja, centrado em estudos científicos parcelados disciplinarmente e muito específicos, embora necessário, porém não o suficiente para se entender o conjunto, isto é, a compreensão holística, processo articulado, relacional e dialético que revela a extensão e uma compreensão dos aspectos e outros problemas que se conectam e dão variedade ao fenômeno da fome. Assim, recente-se de que o que se produzia eram “sempre trabalhos de fisiólogos, de químicos ou de economistas, especialistas em geral limitados por contingência profissional ao quadro de suas especialidades” (CASTRO, 1991, p.31).

Essa ruptura com o parcial em troca do holístico é a contribuição renovadora da obra, as conexões são feitas para dizer que a fome é algo mais complexo que se imaginava e também ao mesmo tempo acessível à compreensão. Entendemos que mais uma vez Josué de Castro tem algo a nos ensinar (ou talvez mesmo lembrar): que é desse tipo de enfoque que mais se espera da Geografia. Se aceitarmos que estamos na era da informação, mas não do conhecimento (CANTOS e CASTIÑERA, 2004), então o estudo que se faz panorâmico e abrangente em “Geografia da Fome” se constitui em um caminho diante de tempos de mudanças rápidas e profundas cujo convívio com as volatilidades das informações mais nos confundem que nos orientam. Perde-se o sentido em troca de uma satisfação informativa segmentada. Não tão distante disso, Moreira (2008) nos chama a atenção do equívoco, o caminho que se toma em se parcelar a Geografia em setores e escolas, pois, ironicamente, Josué de Castro foi ao encontro da Geografia por ela justamente “pensar o todo” como fica claro em “Geografia da Fome”.

O estudo panorâmico vem da necessidade de se ter uma perspectiva do conjunto, “visão em que alguns pequenos detalhes certamente se apagarão, mas na qual se destacarão de maneira compreensiva as ligações, as influências e as conexões dos múltiplos fatores que interferem nas manifestações do fenômeno” (CASTRO, 1991, p.31). O conveniente é “lançar mão do método geográfico, no estudo do fenômeno geográfico” (Idem). Dessa forma, a fome em sua ocorrência é geográfica, e por ser geográfica, deve-se encarar o fenômeno em seu conjunto.

A vantagem é que esse é o “único método que a nosso ver, permite estudar o problema em sua realidade total, sem arrebatar-lhe as raízes que ligam subterraneamente a inúmeras outras manifestações econômicas e sociais da vida dos povos” (Ibidem).

A intercausalidade na obra de Josué de Castro

Parece-nos que, com o método de abordagem geográfica, torna-se mais claro identificar as causas naturais e sociais que estão por trás do tipo de alimentação dos povos. Porque faz parte desse método justamente buscar os elementos que o integram, e não metodicamente separá-lo em unidades de análise singulares o que pertence ao todo. Desse modo, o natural e o social não se desassociam. Não

é uma causalidade do tipo simplificado ou linear, a causalidade que se trata em “Geografia da Fome”, é uma rede de causalidades que se convergem num fenômeno espacializado: o cultural, o econômico, o biológico e social se articulam em várias instâncias no espaço e resultam na fome no homem. Assim sendo, Castro (1991, p.32) nos diz que quer “descobrir as causas naturais e as causas sociais que condicionam o seu tipo de alimento”.

Se a fome é um fenômeno que resulta de vários elementos e casualmente ligada a algumas relações, aí está o encontro com método geográfico, pois se pode “correlacionar os fenômenos naturais e culturais que ocorrem na superfície terrestre” (CASTRO, 1991, p.43). Aqui Josué de Castro busca encontrar uma convergência e, ao mesmo, tempo ir além daquilo que se tem feito sobre a fome, ele já tinha em consideração os estudos parciais sobre o problema, agora queria mostrar a fome de uma perspectiva espacializada, demonstrando que os lugares em que se manifesta tal fenômeno, encontra peculiaridades próprias, são variações, porque as relações de causalidade também variam.

Para Josué de Castro, há a alimentação e há também aqueles que não se alimentam ou se alimentam mal, notada essa carência em um grupo pode-se partir para as causas sociais e naturais desse problema nutricional.

Existem duas maneiras de morrer de fome: não comer nada e definhar de maneira vertiginosa até o fim, ou comer de maneira inadequada e entrar em um regime de carências ou deficiência específicas, capaz de provocar um estado que pode também conduzir à morte. Mais grave ainda que a fome aguda e total, devido às suas repercussões sociais e econômicas, é o fenômeno da fome crônica ou parcial, que corrói silenciosamente inúmeras populações do mundo. (CASTRO *apud* FERNANDES & GONÇALVES, 2007, p.155)

Do lado sociológico a questão é saber até que ponto esse problema nutricional influencia a estrutura econômico-social do grupo ou inversamente como o social influencia no aspecto nutricional. Mas o diferencial e a correlação que Josué de Castro busca enfatizar é a relação de problemas sociais – como a fome na condição de vida do sertanejo - e os problemas de ordem biológica – como a fome afeta organicamente esse mesmo sertanejo. Embora com isso, esteja longe de querer dizer que os problemas sociais são determinados pela fome ou se possa sugerir mais absurdamente que Josué de Castro encontre na maneira como os povos se alimentam a razão de sua diversidade. Mas pode com sua investigação, isto é, esmiuçar sob o signo das relações que se estabelecem no espaço concluir que

As causas fundamentais dessa alimentação em regra tão defeituosa e que tem pesado tão duramente na evolução socioeconômica do povo (...) são mais produto de fatores socioculturais do que de fatores de natureza geográfica. (CASTRO, 1991, p.56.)

Dito isso, Josué de Castro solapa o determinismo geográfico na explicação da miséria e fome.

Um estudo do complexo é forçosamente um estudo de causas que tornam o fenômeno embaraçado, mas não é porque é complexo que não se pode tentar descrever de modo inteligível a rede de fenômenos que o enredam. Isso é um mérito de sua obra e o que deveríamos sempre nos lembrar. Outro aspecto é que se pode buscar as causas e ter em mente que ao se fazer isso se passa do estudo parcial para o estudo holístico, sobretudo, no pano de fundo do espaço geográfico. No estudo da fome na região amazônica, aborda-se a carência alimentar e num caso específico a falta de sais minerais na dieta do habitante local. Tal situação vincula os fatores naturais e culturais: se o clima quente favorece a perda excessiva de sais, tal problema se dimensiona, quando muito do hábito alimentar herdados dos índios não favorece uma alimentação rica em sal. Nessas breves descrições de Castro (1991), o intercausal aparece de forma factual, o físico e o social se encontram na explicação de um hábito e uma falha alimentar que castigam o caboclo amazonense.

A Geografia que desfaz mitos

O fator meio em “Geografia da Fome” entra na complexidade da fome. Se a umidade intensa e quente contribui para no ritmo de vida vegetativo até na baixa produtividade do laboral amazonense, tal questão não é uma determinação ambiental, mas mostra-se sintoma de uma inadequação nutricional e de uma necessidade de alimentação adequada ao tipo de situação geográfica que vive esse mesmo amazonense. Essa virada explicativa reabilita o biológico e o meio como aspectos associados aos fenômenos sociais: a fome vista em sua espacialização conecta-se a diferentes aspectos da realidade natural. Assim, a chamada “preguiça” dos povos equatoriais, é um senso comum e um preconceito. Não há preguiça, e sim, uma necessidade biológica e metabólica de quem vive nos trópicos em diminuir seu ritmo vegetativo em face das condições climáticas que é submetido e de sua frágil alimentação.

Josué de Castro mostra que certos fenômenos que se espacializam fogem a estudos parciais. Assim, a fome não é do tipo “nada mais que carência alimentar.” Também há reducionismos explicativos como os fatores econômicos

ou sociológicos que podem sozinhos explicar a fome, sem levar em conta o meio e o aspecto biológico. Mas como pode isso ser mostrado? Josué de Castro usa o método geográfico e a sua maneira epistemológica para mostrar que no espaço os fenômenos sob várias relações escapam à perspectiva do isolamento abstrato. A fome pode ser isolada e vista parcelada em seus aspectos metabólicos e nutricionais, assim como a fome pode ser explicada à luz das estruturas sociais e econômicas, em perspectiva histórica, mas é no espaço onde vivem os homens que a fome é sensível, e nesse espaço que a fome sentida é vista em seus aspectos diversificados tanto causais como em suas várias consequências, trazidos e plasmados pela cultura, envolvidos no meio natural, herdados do passado e participante na economia e desenvolvimento social.

Visão do autor que experimenta o encontro com a realidade

Josué de Castro não procura esconder suas opiniões, ele é o geógrafo que encontra a realidade no espaço e está disposto a falar de suas experiências com seu encontro, é a visão do humano sobre a realidade espacial. Acreditamos ser essa uma das qualidades da descrição geográfica, pois o espaço se vê na percepção dos homens que vivem nele e do homem que numa posição privilegiada pode analisá-lo e descrevê-lo. Em “Geografia da Fome”, a objetividade parece se coadunar proficuamente com as críticas e posicionamentos do autor, uma vez que tornam a obra objeto da experiência do intelecto e dos sentidos.

Comecei, também, a trabalhar numa grande fábrica e a verificar que os doentes não tinham doença definitiva, mas não podiam trabalhar. Eram acusados de preguiça. No fim de algum tempo, compreendi o que se passava com os enfermos. Disse aos patrões: sei o que meus clientes têm. Mas não posso curá-los porque sou médico e não diretor daqui. **A doença desta gente é fome.** Pediram que eu me demitisse. Saí. Compreendi, então, que o problema era social. Não era só do Mocambo, não era só do Recife, nem só do Brasil, nem só do continente. Era um problema mundial, um drama universal. (CASTRO *apud* FERNANDES & GONÇALVES, 2007, p.29) – *Grifo nosso*

Não há fenômenos isolados no espaço ou o princípio da conexão

Obviamente que isolar fenômenos para sua análise ou mesmo a busca por unidades fundamentais que dão estrutura básica aos fenômenos faz parte do arcabouço do modelo científico padrão. Contudo, na ciência geográfica e, muito

claramente em “Geografia da Fome”, o processo inverso é fundamental para a inteligibilidade do fenômeno, descobrir as partes que se conectam e dão estrutura ao fenômeno pode favorecer a clareza da sua gravidade e extensão.

Um produto particular dessa forma de analisar é ir além dos fatos isolados e propor sua extensão, como sugere Castro (1991, p.81) “tem-se que analisar um mundo em detalhes”, assim é apresentado em “Geografia da Fome”, o complexo fenômeno da aclimação, já que existe ação dos climas nas condições de vida, como, por exemplo, a ação do clima nos déficits de ferro e sódio na região da Amazônia, porém essa ação do clima é ignorada nas explicações sociológicas o que frustra Castro (1991, p.81). Além de se mal colocar a questão da possível superioridade laboral de negros e índios sobre populações brancas nos trópicos, quando não se nota que a pergunta é como o biológico, o ambiente e o cultural podem estar relacionados a esse fato em cada região. Quando se faz essa pergunta tem que se mirar o espaço, onde os hábitos culturais, adaptações e biologia estão interagindo dinamicamente.

É assim que Castro (1991) destaca em suas análises espaciais o entrelaçamento de fatores que explicam melhor a ação do homem, assim ao comentar a fome do sal, tece conceitos através das imbricações culturais envolvidas com os hábitos de tradição indígena que se espalham entre os povos da floresta que não se alimentam de sal senão por meio de pimentas e o próprio déficit de cloreto de sódio na região, além da excessiva transpiração que espolia o organismo em suas reservas de sal, situação essa que está relacionada ao clima. O resultado disso é que em vastas populações amazônicas ocorrem desajuste entre sódio e potássio no organismo.

Assim descreve essa questão de aclimação como ilustrado a seguir:

Havendo falta de sódio, lança mão de potássio, cujas taxas se apresentam altas. Esta baixa de sódio e esta subida vicariante do potássio representam um grave desequilíbrio iônico, sendo uma das causas do esgotamento neuromuscular e da fadiga rápida nos climas tropicais (CASTRO, 1991, p.81)

Josué de Castro vai à busca das conexões que dão respostas aos problemas, inicialmente se desfazendo de perspectivas unilaterais.

Correlações e paralelismos regionais

Outro mérito muito presente em “Geografia da Fome”, são as correlações inter-regionais e intercausais da fome e de outros fenômenos ligados direta ou indiretamente ao flagelo alimentar. Assim, quando descreve a singularidade do Beribéri, doença ligada a falta de vitamina como do B1, e seu caráter epidêmico na Amazônia, o faz

utilizando da correspondência causal ao hábito alimentar das populações amazônicas que consomem como alimentação básica a mandioca, alimento que carece em quantidades desejáveis de certas vitaminas. Ele identifica o espaço da mandioca como de maior incidência de beribéri, mas tal correlação é expandida ao se abordar semelhanças com outras regiões fora do Brasil, onde tal doença também assola e está ligada ao tipo de hábito alimentar, como é o caso de regiões como a Bacia do Congo na África e do Travancore na Índia. Ou quando descreve os processos erosivos na região do nordeste açucareiro realça a extensividade do problema ao fazer paralelismo com o que se sucedeu na região do Vale do Paraíba com o café.

Essas correlações regionais tornam-se uma visão essencialmente integradora, pois procuram identificar familiaridade nas variações. Assim, à visão da fome está atrelado a outros fenômenos (miséria, solo, clima, estrutura social etc.) e também apresenta semelhanças em outras regiões. Não se nega as variações e a geografia da fome. Mas também não se nega correspondências possíveis com o regional (as semelhanças ou dessemelhanças com outras regiões).

Extrapolações e concatenações

Um aspecto qualitativo em “Geografia da Fome” é que Castro (1991) não se restringe ao visível. Pelo método geográfico, tudo está no espaço, as tensões, os fixos, os fluxos, as interações e, é claro, as percepções, mesmo aquilo que intrigantemente não está no espaço é matéria de análise, pois há aspectos cuja falta é percebida e se relacionada a parte da rede histórica e espacial da amazônica.

Dessa maneira, ao se ter que falar do espaço amazônico e em sua dimensão natural e humana para se criar as condições explicativas da fome que nessa região emerge, Castro (1991, p. 61) vê se então na questão de situar o agente colonizador que ocupou a região e o que deriva da indagação quanto à ausência significativa de populações negras. Desse modo, a partir de descrições relacionais entre físico e humano, ele chega às questões raciais ou de política racial que tornou a presença negra na Amazônia mais restrita, como decretos régios que declaravam infames casamentos ou qualquer relação que índios ou brancos tivessem com negros.

Abordagens como essas na “Geografia da Fome” se encaixam no relato geográfico, pois são parte de uma rede de elos que constituem o que é Amazônia, não é um método histórico, do tipo cronológico, mas um método geográfico, onde do espaço se sente a presença ou não de relações e delas busca-se explicações causais.

Planejamento regional

A validade do estudo panorâmico dentro do método geográfico, e assim conduzido em “Geografia da Fome”, é também revelador ao se apresentar o que é aparentemente desconexo em alguma instância parte de uma mesma explicação.

Tal visão de elos talvez não fosse percebida em um estudo vertical, ou seja, parcial do ponto de vista sociológico ou nutricional; mas visto no espaço a rede de relações emerge a identificação do estado de subnutrição de populações na Amazônia e as condições sanitárias precárias derivam em surtos de doenças como a tuberculose e, como já vimos, o beribéri. Mas Castro (1991, p.96) vai atrás de dados sobre a mortalidade, e que apresenta os mais altos em comparação com outras regiões do mundo. A busca de elo no espaço não para por aí, pois as condições de pobreza da região estendem ao baixo índice demográfico existente e a preocupação em se efetuar melhoria nas condições alimentares e crítica aos métodos de povoamento até então incentivados pelos governos e propõe alternativas, como a implantação de núcleos coloniais com assistência técnica e consoante criações a produções agropecuárias adaptadas ao ambiente.

Das descrições interdisciplinares para um sentido

Quando trata das questões geológicas, climáticas e botânicas do nordeste açucareiro ele o faz com sentido de construir da heterogeneidade, uma identidade que distingue a região das demais. Isso vai muito ao encontro da geografia de Preston James, citados algumas vezes pelo próprio autor, onde da associação dos fenômenos se encontra as especificidades dos lugares, assim como as semelhanças e diferenças existentes. Contudo, Castro (1991) descreve com detalhes os quadros que compõe o espaço, mas de modo crítico. Quando se põe a falar do solo fértil do nordeste açucareiro, abre detalhes aos processos erosivos derivados do mau uso do mesmo, ou processo econômico da região e os nocivos resultados da monocultura latifundiária para a ecologia e pobreza de milhares de pessoas, asfixiando a policultura e levando à exaustão a terra e tudo isso à custa da escravidão e exclusão econômica e social de grande parcela da população ao longo de séculos. Josué de Castro monta um quadro ou uma identidade de uma região para explicar a fome, mas sem deixar de fazer menção aos sentidos, às distorções, as peculiaridades sociais e históricas que tornam o espaço explicativo para o fenômeno da fome, suas associações desfazem simplificações esquemáticas e exageradamente profiláticas.

Paralelamente, a descrição comum na tradição geográfica não é abandonada em “Geografia da Fome”, a excessiva descrição com detalhes não é um fim em si mesmo, considerações edáficas, botânicas, agrônômicas, geológicas, climáticas, são considerações interdisciplinares que favorecem conclusões como a afirmação de que sobre a relativa pobreza da flora do sertão no fornecimento de alimentos ao sertanejo em comparação do nordeste tropical.

Ligação entre passado e presente

Castro (1991) faz digressões históricas pela qual aproxima o passado com o presente no sentido de estabelecer uma origem para certos hábitos contemporâneos, como os alimentares trazidos pelo colonizador português, negro e da tradição indígena. Uma digressão consubstanciada por detalhes, fatos, personagens ligadas às descrições alimentares que se entrelaçaram para contribuir numa identidade do sertão. Em “Geografia da Fome” a herança cultural é mais uma ferramenta que clareia a singularidade de um espaço habitado, mas ela é também trazida para explicar a fome na região, por exemplo, o rebaixamento dos hábitos nutritivos que herdavam os portugueses da cultura alimentar mediterrânica ao não encontrarem o clima apropriado, tinham que enfrentar as quentes terras dos trópicos e da hegemonia do modelo monocultor que substituiu o hábito da policultura que era presente também em sua cultura ibérica.

Semelhanças e dessemelhanças inter-regionais

O regionalismo em “Geografia da Fome” é tratado em suas especificidades, mas buscando mais que semelhanças, traçando as variações naturais e sociais que condicionam a múltipla manifestação da fome no espaço. Isso fica claro quando Castro (1991) aponta as devastações das vegetações originais, resultado das monoculturas da zona do cacau, canaveira e até cafeeira em São Paulo. Entre essas regiões são vistas em suas semelhanças quanto ao direcionamento econômico mercantil, ou mais além, ao destacar outros elos, como os métodos de plantio e das formas de dominação social política, como o coronelismo. Todos esses fatores conspiram para a miséria econômica e a carente condição humana e alimentar da grande massa da população nessas áreas. O estudo das regiões em suas singularidades permite a Castro (1991, p.159) traçar as dessemelhanças e fazer afirmações sobre o sertão em relação às demais regiões descritas: “vamos encontrar um novo tipo de fome, inteiramente diferente. Não mais a fome atuando de maneira permanente condicionada pelos hábitos da vida cotidiana, mas apresentando-a episodicamente em surtos epidêmicos”.

Alma da região e do povo

Castro (1991) se preocupa em dar vazão aos sentimentos e expressões daqueles que vivem nas regiões que descreve, temos assim que a própria visão do sertanejo é sua percepção do seu meio como ao descrever o cântico ingênuo da musa sertaneja. Castro conta a história do homem no espaço sem abstrações, suas sentimentalidades, suas crenças e mitos.

Contexto da fome e atualidade

Castro (1991) não tira a fome do contexto das influências do social e político, mas apresenta e discute as facetas culturais, ambientais e biológicas que dão à fome um caráter complexo e problemático. Assim, em última análise, acabar com a fome não é uma questão apenas nutricional ou de fazer política oportunista, mas tomar diretrizes e planejamentos que levam em conta os vários fatores que dão forma ao fenômeno e que apenas assim pode sanar de forma duradoura o problema, o estudo de Castro (1991) alerta para as especificidades de políticas regionais, pois a fome tem as suas especificidades regionais.

Acresce sentido à consciência de Castro (1991, p.30) quanto o momento crítico da humanidade na qual entende que “há consciência universal de que atravessamos uma hora decisiva, na qual só reconhecendo os grandes erros de nossa civilização podemos reencontrar o caminho certo e fazê-la sobreviver à catástrofe”. Sua obra desbanaliza a fome e ao mesmo tempo a enfrenta em toda sua natureza e extensão como um compromisso de mudança.

Igualmente seu pensamento soa atual e necessário. Assistimos mais uma vez a preocupação com a falta de alimentos em face de fatores econômicos, distributivos e climáticos. Isso novamente coloca atualizada a obra ao se evidenciar a fome. Eis que a fome é um fenômeno que se desdobra em diversos efeitos e consequências e cuja heterogeneidade dos espaços constitui-se também de tempo, fixos e fluxos diferenciados.

Conclusão

Objetivamos neste artigo não somente demonstrar a natureza e resultados mostrados por Josué de Castro que, aliás, consagra-se como um estudo clássico para diferentes áreas: sociologia, geografia, antropologia, medicina, biologia... mas também a abordagem geográfica do problema. A riqueza metodológica da obra aponta um caminho que do qual a Geografia se desvencilhou e que se faz necessário retomar em nossos dias. Em tempos da era da informação e não do conhecimento, os fatos, as descrições e teorias, embora partes do edifício do conhecimento científico não se acham mais tentadas à compreensão panorâmica, aliás, as próprias palavras *compreensão* e *panorama* tornaram-se expurgadas da “cientificidade”. Há ainda uma busca, às vezes camuflada e às vezes explícita que toda e qualquer geografia se enquadre nessa nova engenharia da ciência, busca de resultados e incessante apelo às novas técnicas de coleta de dados, embora aceitamos que isso está incluso ao fazer geográfico. No entanto, se está deixando de lado justamente aquilo com o que mais a Geografia tem a contribuir para esclarecimento que é sua capacidade e ousadia filosófica em enfrentar a complexidade e reduzi-la na linguagem da compreensão, pois isso não é um

tipo de falácia. Nem todo reducionismo é eliminativo, e a obra de Josué de Castro permite a compreensão sem simplificar ou eliminar. Ela permite enxergar o quão complexo pode ser um fenômeno que parece banal. “Geografia da Fome” resgata a capacidade da Geografia em também desbanalizar problemas que se espacializam, pois no espaço é que tudo fica mais complexo.

Apesar de Josué de Castro buscar filiação com a geografia clássica e mesmo se envolver com seus conceitos, há em nosso entender, uma característica que acreditamos mais saliente nessa leitura metodológica da “Geografia da Fome”: a compreensão de região, paisagem ou ainda território não vir antes do fenômeno, mas é o fenômeno que é perseguido e que revela a complexidade a que está envolvido e estabelece uma unidade espacial de ocorrência, pois na obra a complexidade tem raízes e forma, podendo ser acessível epistemologicamente. Em *stricto senso*, a obra une o estudo sistemático com o estudo global e esse global encontra no espaço experimentado pelos homens sua concretude compreensível.

Assim, depreende-se que o papel do sujeito é essencialmente ativo: precisamente para apreender não a aparência ou a forma dada do objeto, mas a sua essência, a sua estrutura e a sua dinâmica (mais exatamente: para apreendê-lo como um processo), o sujeito deve ser capaz de mobilizar um máximo de conhecimentos, criticá-los, revisá-los e deve ser dotado de criatividade e imaginação.

Outra importante questão é que a fome é uma questão geopolítica e emancipatória, frases como do senador Hubert Humphrey que foi candidato derrotado nas eleições presidenciais estadunidense em 1968, mostram que a fome para muitos orquestradores dos grandes países centrais não significa apenas atraso social e econômico, mas uma condição de subalternidade e agrilhoamento geopolítico.

Ouvi dizer (...) que povos se podem tornar dependentes de nós para os alimentos. Sei que isso não deve ser considerado como uma boa notícia. Para mim, foi uma boa notícia, porque as pessoas têm, antes de mais nada, de comer. E se procuramos uma maneira de fazer com que as pessoas se voltem para nós e sejam dependentes de nós, em termos de sua cooperação conosco, parece-me que a dependência alimentar seria a melhor. *Senador estadunidense, Hubert Humphrey*

Por isso a “Geografia da Fome” é também uma obra ainda subversiva, pois “a obra de Josué de Castro nos fornece subsídios para uma ciência da riqueza” (Gonçalves, 1997) e diríamos uma saída não somente da condição famélica, mas da condição de dependência técnica e econômica.

A “Geografia da Fome” faz a ponte entre a informação e o conhecimento. Quando se termina a leitura temos a sensação que não só sabemos mais sobre a fome,

mas que tivemos uma viagem geográfica que nos deu um sentido universalista de mundo, que o todo se tornou inteligível. **“Geografia da Fome” externa, sobretudo, o poder e o comprometimento de se fazer ciência com consciência.**

Referências

- ANDRADE, Manuel. Correia. **Josué de Castro**: o homem, o cientista e seu tempo. Fundação Joaquim Nabuco: Recife (PE), 1997, Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/observanordeste/obex03.html>>.
- CANTOS e CASTIÑERA. Los fines de la geografía. **Investigaciones Geográficas**. n. 33, pp.39-62, 2004.
- CASTRO, Josué. **Geopolítica da fome**. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1968a.
- _____. **O livro negro da fome**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1968b.
- _____. **Geografia da fome**. 9. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.
- FERNANDES, Bernardo M; & GONÇALVES, Carlos W.P. **Josué de Castro**: vida e obra. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Geografia da fome, em busca de uma ciência da riqueza. In: **Revista Ciência Geográfica**, Bauru, SP: AGB, ano III, n. 08, p.04-06, set./dez. 1997.
- HARTSHORE, Richard. **Propósitos e natureza da geografia**. Trad. Thomaz Newlands Neto, 2. ed. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.
- JAMES, PRESTON E. **A geography of man**. Waltham, Massachusetts 02154 (275 Wyaman Street): Blaisdell Publishing Company, 1966. 584p. (em PDF).
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **A gênese da geografia moderna**. São Paulo: Hucitec-Annablume, 2002.
- MOREIRA, Ruy. A Geografia serve para desvendar máscaras sociais. In: MOREIRA Ruy (org.). **Geografia**: teoria e crítica: o saber posto em questão. Rio de Janeiro: Vozes, 1982, pp. 33-63.
- _____. **O pensamento geográfico brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2008. v. 1: as matrizes clássicas originárias
- RAMOS, Elvis C. Madureira, FIGUEIREDO, Wellington dos Santos. A importância epistemológica e metodológica da obra “Geografia da Fome” para as pesquisas em Geografia e a contemporaneidade do pensamento de Josué de Castro. **Revista Ciência Geográfica**, Bauru, SP: AGB, ano XIII, v. XIII, n. 02, p. 02-12, jul./dez. 2008.
- TENDLER, Silvio. **Josué de Castro**: cidadão do mundo. Rio de Janeiro: Bárbaras Produções, 1991. Documentário em vídeo.